



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura de atos de saneamento e habitação do Programa de Aceleração do Crescimento - PAC

Fortaleza – CE, 28 de fevereiro de 2008

Bem, eu quero cumprimentar o nosso companheiro governador do estado do Ceará, Cid Gomes,

Quero cumprimentar o nosso ministro das Cidades que acabou de falar, Marcio Fortes,

Quero cumprimentar o nosso companheiro Orlando Silva, ministro do Esporte,

O nosso companheiro Guilherme Cassel, ministro do Desenvolvimento Agrário, que foi comigo a Quixadá anunciar o Territórios da Cidadania do Sertão Central,

Quero cumprimentar a nossa querida prefeita Luizianne Lins,

Quero cumprimentar o nosso senador Inácio Arruda,

Quero cumprimentar os deputados federais Chico Lopez, Eudes Xavier, Eugênio Rabelo, Eunício Oliveira, José Guimarães e Paulo Henrique Lustosa,

Quero cumprimentar os nossos companheiros e companheiras deputados e deputadas estaduais,

Quero cumprimentar o nosso companheiro Roberto Smith, presidente do Banco do Nordeste,

O nosso companheiro Danilo Forte, presidente da Funasa,

O nosso companheiro Jair Meneguelli, presidente do Conselho Nacional do Sesi,

O nosso companheiro Joaquim Cartaxo, secretário estadual de Cidades,

O vereador Tin Gomes,

Quero cumprimentar os nossos jornalistas aqui presentes,



Os jornalistas do Ceará e os jornalistas do Brasil.

E dizer que é uma alegria extraordinária poder estar aqui em Fortaleza junto com vocês. É uma alegria que explica a razão pela qual a gente brigou tanto para um dia ganhar a Presidência da República deste País.

Vocês sabem que é muito mais fácil destruir do que construir. De vez em quando, a gente vê na televisão eles destruírem, em dois minutos, um prédio que levou 30 anos para ser feito. Na política também é assim. Na política, às vezes, tem meia dúzia trabalhando para as coisas acontecerem e tem dezenas ou centenas trabalhando para evitar que as coisas aconteçam.

Eu, de vez em quando, acompanho a imprensa do Ceará e fico vendo quantas injustiças se cometem contra essa companheira, nossa prefeita de Fortaleza. É quase que um ódio preconcebido, é quase que uma história de dizer: “Bom, se nós governamos este País 500 anos e não conseguimos fazer o precisava ser feito, como é que vem essa baixinha querer fazer o que nós não conseguimos fazer. Eu, Luizianne, como apanho há muito tempo neste País e aprendi a ter a alma muito sensível, mas o couro muito calejado, a minha resposta a determinados tipos de críticas que recebo... Eu, ao invés de responder, um ato como este responde por mim. Um ato como este responde às ofensas baratas que nós...

Eu fico, de vez em quando, me perguntando: esse PAC que nós estamos lançando é um PAC que tem 106 bilhões de reais para a habitação e melhorias urbanas, 40 bilhões de reais para saneamento básico. É um Programa que prevê investimento de 504 bilhões de reais até 2010, cuidando de coisas muito importantes mas, sobretudo, cuidando das pessoas mais pobres deste País. Eu poderia perguntar para vocês há quanto tempo ou em que momento da história deste País um Presidente, um governador e uma prefeita saíram juntos do seu gabinete para visitar a periferia deste País, para visitar os bairros mais pobres deste País?

Não é habitual no Brasil as pessoas definirem prioridades para as



periferias. Porque se as pessoas definissem prioridades para as periferias, nós não precisaríamos esperar juntar 10, 15 ou 20 mil famílias na beira de um rio, como Maranguapinho, para apodrecer todo ele, jogar esgoto, morar em área de risco, para depois a gente ir atrás. Poderia ter feito a intervenção quando teve a primeira casa, o primeiro barraco. Se tivesse feito a intervenção, vocês poderiam estar tomando banho no rio, como a Luizianne estava tomando banho quando era criança no Maranguapinho. Entretanto, há um descaso histórico na política brasileira com relação aos bairros mais pobres. E nós estamos tentando fazer essa correção. Não é uma tarefa fácil.

Só para vocês terem idéia, o PAC, aqui no Ceará, contratado em parceria com o governo do estado e com a prefeitura municipal, envolve 985 milhões de reais. Novecentos e oitenta e cinco milhões, dos quais 325 milhões serão para saneamento básico e 660 milhões para urbanização de favela. É a maior intervenção urbana já feita na história do estado do Ceará. E eu não tenho dúvida de que essa parceria só pode ser feita porque nós estamos construindo um país diferente daquele que nós herdamos.

Vocês estão cansados de ouvir falar na televisão numa favela chamada Complexo do Alemão, lá no Rio de Janeiro. Vocês estão cansados de ouvir falar na Rocinha, no Rio de Janeiro. Vocês estão cansados de ouvir falar na favela de Manguinhos, no Rio de Janeiro. São mais de 600 mil pessoas que moram ali. É lá que, todo dia mostram o crime organizado, mostram bandidos. Pois bem, dia 7, Cid, eu vou ao Rio de Janeiro. Nós estamos investindo mais de 600 milhões de reais para urbanizar, levar escola, levar hospital, levar ruas, luz, para aquelas pessoa viverem dignamente e as cidades serem lembradas pela imprensa com notícias boas e não apenas com notícias ruins, como a gente cansa de ouvir todo santo dia neste País.

Para chegar aonde nós chegamos foi uma tarefa muito difícil. Primeiro, foi necessário consertar o País. Vocês lembram, quando nós entramos, todo mundo dizia que nós não íamos conseguir governar, que o Brasil estava



quebrado, que o Brasil não tinha crédito, que o Brasil dependia do FMI, que o Brasil devia para o FMI. Tinha gente que imaginava: “Vamos deixar esse tal de Lula entrar, ele não vai agüentar um ano, e nós vamos tirar ele dali.” Pois bem, eles não sabem que o nordestino quando não morre de fome até os cinco anos de idade, é muito difícil alguém derrubar o nordestino dali para a frente. É muito difícil. E a elite política deste País não estava acostumada a isso.

O que aconteceu no Brasil quatro anos depois? O Brasil, hoje é um país respeitado no mundo inteiro. Porque eu dizia para os governantes de outros países: eu não quero ser melhor do que vocês, eu quero apenas ser tratado como igual. E eu dizia uma coisa para eles: respeito é bom, eu dou e gosto de receber. Foi isso que eu aprendi de berço, da minha mãe. O direito de andar de cabeça erguida não é uma conquista fácil. O Brasil não tinha dinheiro para financiar as suas exportações. Nós devíamos ao FMI e tínhamos 16 bilhões do FMI na conta do Brasil. Todo dia a gente via na televisão: “Delegação do FMI chega ao Brasil”. Todo santo dia. “Delegação vem fiscalizar as contas do Brasil. O FMI diz que o Brasil pode gastar nisso ou não pode gastar naquilo”. Passaram-se três anos, porque foi o ano passado, nós devolvemos o dinheiro do FMI, pagamos ao Clube de Paris. E hoje, o Brasil, pela primeira vez na sua história de 500 anos, nós temos mais reservas do que a dívida pública e privada que este País tem. Parece um milagre, mas nós conquistamos isso. E quando eu digo nós, é porque nos momentos difíceis quem foi para as ruas para me apoiar não foi nenhum grã-fino da política brasileira, foi o povo pobre deste País. Foi o povo humilde deste País que sabia os benefícios que estava recebendo.

Quando nós criamos o Bolsa Família, eu cansei de ler manchetes de jornais: “Lula está dando esmola, isso é assistencialismo”. As pessoas diziam isso porque não sabem o que significa. Um rico pode dar 100 reais de gorjeta, mas 50 reais na mão de uma mulher é ela dar comida para os seus filhos, ela sabe cuidar dos seus filhos.



Eu lembro quando nós criamos o ProUni, escreveram em manchetes: “O governo Lula vai nivelar o ensino por baixo, está colocando pobre na universidade, está colocando negro na universidade, está colocando gente da escola pública na universidade.” Hoje, são 400 mil jovens pobres da periferia que estão na universidade. Agora, no ano passado, o MEC fez avaliação em 14 áreas, envolvendo Medicina e Engenharia, e as melhores notas foram exatamente as dos pobres da periferia que estavam no ProUni.

Não apenas isso. Até 2010 nós criamos um outro programa chamado Reuni. Tem um tipo de gente, Luizianne, que não gosta. Você sabe que nós tivemos 20 reitorias ocupadas por um tipo de gente “pequena burguesa”, que já está na universidade e que não quer que a gente aumente. A média de alunos por professor, hoje, são 12 alunos. Nós queremos elevar para 18, como tem na França. Em vários lugares deste País, um determinado grupo de gente invadia a reitoria para não deixar aumentar de 12 para 18. E todos os reitores enfrentaram a briga. E os 54 reitores aprovaram. E, até 2010, nós iremos colocar mais 400 mil jovens na escola pública federal deste País.

Peguem a história deste País e vejam nesses 500 anos quantos presidentes fizeram universidades. Neste século XX, nós tivemos 54 universidades federais construídas no Brasil. Em 100 anos, 54. Nós, em oito anos, vamos ter 10 universidades federais novas e 48 extensões universitárias por todo o interior deste País. Em 93 anos, eles fizeram 140 escolas técnicas. Nós, em 8 anos, vamos fazer 214 escolas técnicas neste País. E vamos fazer porque eu tenho nas minhas costas e na minha consciência, o saber de um jovem que não conseguiu entrar na universidade. Têm meninos que completam 16, 17 anos, terminam o colegial, não passam no vestibular nas públicas, vão fazer vestibular nas escolas privadas e passam. Quando chega em fevereiro, quando vão fazer a matrícula, a mensalidade é 800, é 900, é 1.000, é 1.200, é 1.500, é 1.300 reais. O pobre volta para casa desanimado. Graças a Deus, nós estamos resolvendo esse problema. E, hoje, é com muito orgulho que eu ando



pelo País e encontro jovens dos mais diferentes bairros agradecendo a oportunidade de ter chegado a uma universidade. É isso que nós queremos fazer por este País: tornar este País mais igual.

Eu dizia, lá em Quixadá, para o nosso governador, Luizianne. Veja o absurdo... está aqui o ministro do Desenvolvimento Agrário... aqui no estado do Ceará, até 2003... e está aqui o presidente do Banco do Nordeste.. até 2003, tudo que os agricultores conseguiram pegar de empréstimos no Pronaf. Eram apenas R\$ 28 milhões. Este ano, aqui no Ceará, são R\$ 349 milhões, 1.139% a mais. Eu aprendi uma coisa: aprendi que político não gostava de fazer saneamento básico. Saneamento básico pressupõe você cavar um buraco, enterrar um cano para fazer coleta de esgoto e, em um cano enterrado, não dá para você colocar o nome da mãe, não dá para você colocar o nome do tio, não dá para você homenagear os seus parentes. Então, político não gostava de fazer saneamento básico. Político gosta mesmo é de ponte, de viaduto, porque aí aparece: viaduto dona não sei das quantas, viaduto padrinho não sei das quantas. Esse é um legado que eu quero deixar, Cid, quando deixar a Presidência: este País será um país que terá mais auto-estima, será um país mais orgulhoso, será um país em que as pessoas aprenderam que têm direito e, se têm direito têm que exigir que os governantes cumpram aquilo que prometem nas campanhas políticas, aquilo que falam no palanque.

Quero dizer para vocês que essas obras que nós estamos aqui assinando contrato com o governo e com a prefeitura certamente são o início da mudança da cara da periferia de Fortaleza. As mulheres pobres deste País não são obrigadas a levantarem todo dia, abrirem a porta e cheirar uma fedentina de esgoto a céu aberto de rios podres na frente das suas casas. As pessoas não são obrigadas a levantar de manhã vendo um rato passar perto das suas casas. As pessoas podem viver condignamente, certamente que homens e mulheres, e não apenas mulheres são obrigadas a levantar.

Este País tem jeito. Este País, no ano passado, gerou 1 milhão e 600 mil



empregos de carteira profissional assinada. Este ano, a construção civil, só neste primeiro bimestre, já cresceu 30%. A indústria automobilística vendeu em janeiro deste ano 25,9% a mais do que vendeu em janeiro do ano passado. Eu ainda quero vir aqui, meu companheiro Cid, se Deus quiser, ainda este ano, com você e com a Luizianne. A Luizianne certamente não vai poder participar porque vai ser no mês de campanha e candidato não pode participar, mas eu ainda virei aqui junto com você, meu companheiro, para a gente poder finalmente começar a construir a siderúrgica do Ceará ali no Porto de Pecém para gerar emprego para essa gente. Se Deus quiser, ainda virei aqui para dar uma volta de trem com você na Transnordestina, que vai ligar o porto de Suape ao porto de Pecém, passando por Eliseu Martins, no Piauí. Se Deus quiser, ainda voltarei muitas vezes a este estado para anunciar boas novas, para manter... Ah, o Cid está me lembrando: logo, logo virei aqui para anunciar a BR-116, que está quase acabando.

Mas, sobretudo, eu vou contar uma novidade para vocês: os nossos adversários, que vocês sabem quem são, um chamava-se PFL, agora eles se chamam Democratas, o outro, vocês já sabem quem é. Pois bem, eles, no final do ano passado, derrotaram a CPMF, que era o imposto que a classe média brasileira e os ricos pagavam, porque pobre não trabalha com cheque. Eles tiraram do governo federal R\$ 40 bilhões. E tiraram por quê? Tiraram porque eles deviam. Se a gente deixar mais R\$ 40 bilhões na mão deste governo, a gente não vai votar mais. Eu quero dizer para vocês que fiquei tranquilo e nós tínhamos um programa, Cid, que era o PAC da Saúde. O PAC da Saúde iria colocar mais R\$ 24 bilhões na saúde. Um dos programas que eu tinha mais vontade de fazer era levar médicos e dentistas para as escolas públicas para tratar das nossas crianças, enquanto elas são pequenas. E eles ficaram todos felizes, achando que eu não iria mais fazer este Programa. Pois, eu quero comunicar que a partir de abril, nós vamos começar a implantar médico e dentista nas escolas públicas brasileiras para cuidar das crianças. Vamos



aumentar a Farmácia Popular. Hoje, a mulher pode comprar anticoncepcional na Farmácia Popular pagando quase nada. Vamos aumentar, e vamos aumentar muito, porque nós, embora governemos para todos, sabemos de onde viemos e sabemos para onde vamos voltar quando deixarmos a Presidência. Eu sei que vou voltar e eu sei quem são meus companheiros. Não pensem que porque vocês me vêem todo dia de terno e gravata que eu esqueci a minha origem e esqueci quem são meus companheiros. Eu lembro perfeitamente bem quem é que está comigo nas horas boas e ruins. Eu sei que o povo brasileiro merece mais do que isso. Eu tenho consciência de que a gente não vai conseguir fazer tudo, mas eu tenho consciência de que vamos fazer muito mais do que muitos fizeram. Graças a Deus, a gente não escolhe prefeito, nem partido e nem governador. Não quero saber se o governador é do PFL, do PSDB ou do PT. Eu quero saber se o povo da comunidade precisa, se o povo é brasileiro, se o povo é cearense. Aí, não me importa quem é o político, eu vou lá anunciar a mesma obra como eu vim anunciar aqui.

Por isso eu disse, no começo, que era motivo de orgulho estar aqui. E, sobretudo, agora, que eu quero fazer um depoimento. O Nordeste brasileiro elegeu a melhor safra de governadores dos últimos tempos. Eu fico olhando, do Piauí até a Bahia, todos os companheiros comprometidos. Todos os companheiros jovens como o Cid, quase todos eleitos pela primeira vez. E todo mundo sabe, eu não tenho preferência pelo Nordeste, o que eu tenho é preferência em saber quem é que mais precisa do governo federal. E quem precisa é a região mais pobre deste País, que é a região Nordeste e a região Norte.

Por isso, meus companheiros e companheiras, eu tinha um ato em Aracaju, às 19h, certamente eu vou chegar lá às 20h. Eu quero me despedir de vocês. Querida Luizianne, eu espero ser convidado para inaugurar essas obras. Cid, eu quero ser convidado para inaugurar essas obras e quero poder, da outra vez que eu vier aqui, dar um abraço em cada um de vocês.



Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República

Meus companheiros e minhas companheiras, que Deus nos abençoe, que Deus abençoe o Ceará e o povo do Ceará e que a gente possa fazer mais obras, mais empregos e mais renda para o nosso povo.

Um abraço. Que Deus abençoe a todo mundo.

(\$211A)